da obra do escritor mexicano como também da categoria «mito». Um trabalho bem feito, nada deixando a desejar àqueles produzidos em centros hegemônicos excessivamente sofisticados e pós-industriais.

Na parte final do seu estudo, Ordiz nos chama a atenção para elementos capitais da obra de Carlos Fuentes. Nessa medida, a problematização da identidade mexicana (e, num escopo mais amplo, latinoamericana), a questão do leitor e da redefinição da subjetividade (entre muitas outras, porque seria desnecessário enumerá-las, já que o autor o faz de maneira magistral, porque integrada à sua linha de raciocínio) são revisitadas como para nos dar conta de toda a (grande) complexidade desse universo ficcional. Mais ainda, a leitura empreendida não está «centrada» numa unidimensionalidade escritural, assente na base de poder da voz autoral, mas, muito pelo contrário, deixa-nos espaço suficiente para que possamos acrescentar a nossa própria voz. Nessa medida, mimeticamente, Ordiz «reproduz» Fuentes, numa jogada de vida e de morte, na qual quem sai ganhando, indiscutivelmente, somos nós, seus leitores atentos. No imaginário do consumidor especializado, o professor Ordiz articular algumas (nossas) referências mitológicas (pré-hispânica, grega, judaico-cristã, mexicana) a fim de nos oferecer o fio de Ariadne que nos conduza por um labirinto não tão (des)conhecido. Labirinto este protetor e castrador, aliás, como soem ser todos os super-egos.

FRANCISCO CAETANO LOPES JÚNIOR

University of Pittsburgh.

ROBERTO VENTURA: *Escritores, escravos e mestiços em um país tropical*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1987.

O presente livro do professor Roberto Ventura tem como subtítulo: «Literatura, historiografia e ensaísmo no Brasil», o que nos dá conta imediatamente do seu intuito: fazer um levantamento de um determinado momento da história das idéias no Brasil do século XIX (a partir de 1870) até o Modernismo, sem deixar de considerar, no entanto, obras mais recentes, como é o caso do romance *Maíra* do antropólogo-escritor brasileiro Darcy Ribeiro. Originalmente, o presente trabalho serviu como «tese de doutorado em Línguas e Literaturas Românicas na Universidade de Bochum» (p. IX), mostrando-nos que a produção acadêmico-universitária dos últimos tempos tem-se realizado de forma fecunda, senão fundamental, para a compreensão de um «país tropical», apelidado de Brasil. A universidade, assim, tornou-se o local privilegiado por excelência onde se pode estudar uma «história a contrapelo» (para utilizarmos a expressão tão cara a Walter Benjamin), produzindo um saber digno de nota e de respeito. Este é o caso, sem sombra de dúvidas, do presente livro de Ventura.

Ao estudar o movimento das idéias sobre o Brasil no que diz respeito à problemática racial, Ventura nos reconta a História de um país que sempre teve seus fatos recontados como estória para embalar os setores mais privilegiados desse mesmo país. Contando-nos a (nossa) História pelo seu viés, o jovem crítico brasileiro nos abre uma infinidade de veredas para que possamos repensar de uma maneira mais clara e menos comprometida, ideologicamente falando, os nossos mecanismos sociais, históricos e literários. Assim, o seu trabalho não nos é apresentado como uma fatura estanque da realidade brasileira, mas, muito pelo contrário, uma tentativa de articular discursos que dêem conta de (nosso) real. O seu estudo aponta ainda para

a possibilidade de a literatura, ou melhor dizendo, os estudos literários apresentados em forma de crítica, servir(em) como balizador no percurso das ciências humanas. Algo pioneiro e desafiador, realização efetiva conseguida pelo crítico, escusado seria dizer.

Dividido em quatro grandes partes, o presente livro vai percorrendo os vários pontos-chave elaborados pela «ideologia da cultura brasileira» (a alteridade, a questão racial, a miscigenação, a transculturação e a nossa identidade problemática), apontando-nos «grandes sertões: veredas» de uma determinada maneira, já que foram produzidos por uma classe dirigente ávida de poder e incapaz de perceber que as mudanças seriam necessárias, a fim de que não perdêssemos o bonde da História (e, de fato, ainda hoje, na década de 80, tentamos acertar o passo, para utilizarmos a metáfora cara ao crítico Silviano Santiago). Neste sentido, é muito interessante a leitura feita a respeito da Guerra de Canudos, sobre a qual o articulista lança novas luzes a respeito não só da interpretação desse fato em si mesmo (o episódio Antônio Conselheiro) como também nos ajuda a perceber mais claramente os mecanismos que estabeleceram a Proclamação da República no Brasil (a primeira quartelada? Talvez). O texto crítico de Roberto Ventura vai destecendo as várias malhas que compõem a contraditória tessitura da História Brasileira no sentido de nos mostrar que ela é feita de claros, lapsos, discontinuidades que devem ser percebidos para que não se configure um mundo cheio de certezas, totalizado e carente de fissuras. O trabalho produzido se nos apresenta como um espaço de/em tensão, desconstruindo sintomaticamente os liames que um dia constituíram (e ainda constituem) a tão decantada (e não apenas em prosa e verso) história das idéias no Brasil. Longe de apresentar respostas fechadas, acabadas, centradas em espaços de autoridade (e a universidade seria um espaço perfeito para o exercício deste tipo de poder), Ventura nos propõe uma nova visada sobre a nossa tão «problemática identidade». Um livro a não perder, porque corremos o risco de ficar pensando que nunca há nada de novo sob o sol...

FRANCISCO CAETANO LOPES JÚNIOR

University of Pittsburgh.

WILFRIDO CORRAL: *Lector, sociedad y género en Monterroso*. México: Universidad Veracruzana, 1985.

Lector, sociedad y género en Monterroso es una evaluación integral en la bibliografía del autor guatemalteco Augusto Monterroso, a la vez que un trabajo con amplias resonancias para la crítica hispanoamericana actual. El libro está inscrito dentro de una nueva dirección crítica, la cual se propone cambiar el énfasis del autor al lector, de la creación a la recepción. Corral utiliza, de manera ecléctica y selectiva, la teoría de la recepción, dándole un nuevo enfoque, que tiene en cuenta el contexto social e ideológico, como afirma el crítico: «Persigue un acercamiento ecléctico que, sin ser acomodaticio, es lineal sin oponerse a otras posibilidades de construcción crítica de una literariedad, propone un finalismo y una dinámica» (p. 14). En este trabajo se articula un sistema literario interpretativo dinámico, construido a partir de las relaciones entre lector, texto y sociedad.

El libro consta de seis capítulos y un apéndice. El primer capítulo, «Un programa de lectura: Introducción», presenta las características del *corpus* de Monterroso centrándose en la práctica textual principal: el desplazamiento, a la cual la crítica